

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

vol. 1

**textos e
propostas
pedagógicas**

**mais
cultura**



**São José
dos Pinhais**
PREFEITURA

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

vol. 1

**textos e
propostas
pedagógicas**

Luciano Chinda Doarte

Franciele Sabchuk

São José dos Pinhais

2022

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
Textos e propostas pedagógicas - vol. 1

Textos, Propostas Pedagógicas

Luciano Chinda Doarte

Franciele Sabchuk

Revisão

Charles Ferreira Mendes

Projeto Gráfico

Vivian Padilha

Realização

Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais

Secretaria Municipal de Cultura

D631 Doarte, Luciano Chinda

Educação e Patrimônio: textos e propostas pedagógicas. / Luciano Chinda Doarte, Franciele Sabchuk. São José dos Pinhais, PR: Secretaria Municipal de Cultura, 2022.

66 p. : il.

v. 1

1. Patrimônio cultural. 2. Educação. 3. Ensino fundamental. 4. Propostas pedagógicas. I. Doarte, Luciano Chinda. II. Sabchuk, Franciele. III. Título.

CDD 363.69

Elaborado pela Bibliotecária Glaciâne Pereira de Souza – CRB-9/1428

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Rua XV de Novembro, 1820, Centro – São José dos Pinhais, CEP 83015-140

41 3381 5901 | cultura@sjp.pr.gov.br

<https://instagram.com/cultura.sjp>

<https://facebook.com/culturasjp>

Nina Singer
Prefeita Municipal

Marcelo Setim Dal Negro
Secretário Municipal de Cultura

Leonardo Mansur
Diretor do Departamento de Ação Cultural

Simone Freitas Zardo Werner
Chefe de Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico

Luciano Chinda Doarte
Coordenador do Museu Municipal Atílio Rocco

Jonas Dias Jacinto Vieira
Coordenador do Arquivo Histórico

Charles Ferreira Mendes
Coordenador de Ação Educativa

João Fernandes Alves Neto
Apoio Administrativo

Ana Iracema Callegarin
Luana Maria Mendo
Juliana Stonoga
Lucas Emanuel Pereira Lage
Nathália Selau
Stefani Gonçalves Harmatiuk
Emanuelle Luize Padilha
Kimberly Rodrigues Vidal da Luz
Thiago Palumbo Rolim Ribeiro da Silva
Estagiários

Rosa Alves de Assis Maciel
Equipe de Apoio

Vivian Padilha
Artes gráficas

Sumário

Palavras Iniciais	08
Memória	10
Tempo	11
Cultura	13
Patrimônio	14
Meio Ambiente	15
Arquitetura	17
Centro Histórico	18
Arqueologia	19
Fontes Históricas	21
História	22
Os Patrimônios Culturais de São José dos Pinhais	25
Atividade 1	56
Atividade 2	57
Atividade 3	58
Atividade 4	59
Atividade 5	60

Palavras Iniciais

Os textos aqui apresentados têm a intenção de explicar de maneira didática dez conceitos importantes para os trabalhos que relacionam educação e patrimônio, especialmente, com o terceiro ano do ensino fundamental/anos iniciais. Para tanto, são trabalhados os seguintes assuntos: memória; tempo; cultura; patrimônio; meio ambiente; arquitetura; centro histórico; arqueologia; fontes históricas; e história.

Na sequência destes conceitos, são apresentados os patrimônios culturais de São José dos Pinhais, que formam um conjunto de quinze bens tombados. Em qualquer nível, etapa ou modalidade, reconhecer os bens culturais tornados patrimônios é essencial, seja na educação formal ou nas formas não escolares de atuação. Assim sendo, para professores e estudantes poderem organizar de maneira mais enriquecedora a relação ensino-aprendizagem, tendo em conta a realidade local, certamente contribui.

Por fim, apresentamos algumas propostas pedagógicas bastante simples em suas realizações, que tomam, no âmbito da educação formal, o patrimônio como ponto de partida e como objeto da prática docente. Nessas atividades fica evidenciado como o bem cultural patrimonializado pode contribuir tanto para o ensino sobre as dinâmicas do patrimônio em si, quanto para, possivelmente, o ensino de temáticas variadas, mas que tomem o patrimônio como fonte de conhecimento.

Com esse material esperamos contribuir para que o corpo docente do município de São José dos Pinhais tenha mais um subsídio para atuar em sala de aula, na construção de conhecimento sobre a história, a cultura e os patrimônios locais.

Os autores.

Memória

A memória é uma capacidade muito importante para a vida das pessoas. A memória envolve algumas atividades sem as quais não conseguiríamos nos organizar, nem ir à escola, nem lembrar o que aprendemos. Existem diferentes formas de usar a memória todos os dias e em coisas bem simples, como tomar banho, escovar os dentes, conversar com nossos amigos e saber o nome da professora ou do professor.

A memória é uma potência biológica para os seres humanos, ou seja, nós já nascemos com o cérebro preparado para armazenar e recuperar informações, porque desde muito pequenos precisamos disso, como lembrar o rosto dos nossos pais ou familiares mais próximos, por exemplo. Mas não só os seres humanos têm memória. Alguns animais como os mamíferos, algumas aves e também répteis também têm a capacidade de guardar informações no cérebro e, depois, recuperar quando precisam.

É importante sabermos de uma coisa: a memória envolve duas grandes atividades diferentes e as duas são importantes. A primeira é a lembrança, que é como nós conseguimos recuperar da nossa mente as informações que precisamos. Por exemplo, quando precisamos recuperar o nome da nossa escola ou dos nossos colegas de classe, usamos nossa capacidade de lembrar, de recuperar informações para podermos conviver em sociedade.

Ao mesmo tempo, a memória é feita de esquecimento. Parece estranho, mas, na verdade, é bem normal. Nós, individualmente, não conseguimos lembrar de tudo e, às vezes, esquecemos algo. Por meio das sinapses, nosso cérebro seleciona as informações que conseguimos lembrar com mais facilidade e também as que temos dificuldade em rememorar ou que acabamos esquecendo.

Para além das nossas vidas individuais, em sociedade nós também estabelecemos relações pela memória. Para um conjunto de pessoas, é muito importante que tenhamos diferentes coisas que sirvam de pontos de referência sobre nosso passado, com as quais possamos lembrar coletivamente. Por exemplo, em uma família é comum alguns marcos importantes, como datas de aniversários, ou registros como fotografias. Essas são coisas que ajudam um grupo de pessoas, nesse caso uma família, a lembrarem juntos de coisas que entendem ser importantes.

Socialmente, em nossas escolas, em nossos bairros, em nosso município ou em nosso país, também temos relações pela memória. Coletivamente, as pessoas decidem o

que é importante para o grupo e, com isso, escolhem o que será lembrado e o que será esquecido. Existe uma escolha, uma seleção. Para nos ajudar a lembrar das coisas entendidas como essenciais para a nossa memória usamos diferentes instrumentos, como os patrimônios culturais, os museus, as bibliotecas, os monumentos (estátuas, bustos etc.). Quando entramos em contato com esses espaços, estamos em contato direto com os assuntos que foram selecionados para a nossa lembrança em sentido social ou coletivo. E as coisas que não são selecionadas para a lembrança? Elas ficam para o esquecimento, por diversos motivos, mas, principalmente, porque não conseguimos lembrar de todas as coisas para sempre.

Tempo

Como conseguimos entender melhor e nos relacionar com o tempo? Como se trata de um conceito complexo, para entendê-lo melhor podemos organizá-lo de duas formas, o qualitativo e o quantitativo, na História trabalhamos com os dois.

O tempo qualitativo é aquele mais articulado ao tempo biológico, psicológico, litúrgico, entre outros. Em geral existe uma cronologia, mas não necessariamente ela está localizada temporalmente. Já o tempo quantitativo, foi formado a partir de um sistema cuja unidade base é o segundo, que formam os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses e assim por diante.

Ao longo da história, os seres humanos desenvolveram diferentes instrumentos para se localizar no tempo e para aferir sua passagem, principalmente porque ele não é algo que controlamos. E que instrumentos existem? Relógios, ampulhetas, cronômetros e outros. Todos esses são objetos que nos ajudam a conhecer o tempo, a saber da sua passagem. Por exemplo, com um relógio conseguimos saber que as horas estão passando e, com isso, nos preparamos para os nossos compromissos. A que horas vamos à escola? Quando é a hora do recreio? Para responder essas perguntas, podemos falar do tempo usando os instrumentos que nos ajudam na sua aferição.

O que mais podemos usar para marcar o tempo? Os dias, as semanas, os anos, os séculos... Assim conseguimos saber, por exemplo, que foi no ano de 1853 que São José dos Pinhais se separou de Curitiba e se tornou uma Vila autônoma. E se estamos, por exemplo, em 2022, usando a matemática podemos descobrir que, então, já faz 169 anos

que São José dos Pinhais é um município “independente”. E se pensarmos na chegada dos portugueses ao Brasil, no ano de 1500? Temos mais de 500 anos de diferença, ou seja, são cinco séculos!

Conseguirmos nos localizar no tempo e lembrar de temas importantes nos ajuda a produzir uma organização da sociedade e das nossas vidas. O que é bastante marcante é que ao longo do tempo, enquanto as horas, os dias, os anos passam, as coisas que nós fazemos em sociedade mudam. Isso também vale para as nossas vidas. Com o passar do tempo nós crescemos, então temos que mudar as roupas que usamos, porque as antigas não cabem mais. Em sociedade, às vezes mudamos comportamentos ou ideias. Por exemplo: houve um tempo em que mulheres não podiam usar calças, apenas saias e vestidos; ou ainda, houve um tempo em que nem todas as crianças iam para a escola, apenas os filhos das famílias mais ricas. Essas duas coisas são exemplos de mudanças ao longo do tempo, porque atualmente estudar é um direito de todas as pessoas e mulheres podem usar as roupas que quiserem.

E é exatamente porque as coisas mudam que nós escolhemos algumas delas para preservar e servirem como testemunhas do passado. O que isso quer dizer? Quer dizer que porque as roupas que usamos mudam, algumas roupas que chamamos de “antigas” são escolhidas e guardadas para que possamos ver e lembrar que nem sempre as coisas foram como nós conhecemos. Ou seja, nem sempre nós, seres humanos, usamos telefones celulares super-tecnológicos para nos comunicar por mensagens ou para tirar fotografias como são os nossos hoje em dia. Antigamente a comunicação era feita por cartas e as fotografias eram feitas apenas em câmeras específicas para isso.

Mas, já que as coisas mudam ao longo do tempo, o que fazemos com as que deixamos de usar? Algumas delas caem no esquecimento e nós simplesmente não nos lembramos mais. Outras são entendidas como mais importantes e, por isso, se tornam referências coletivas sobre um tempo que já passou, e por isso são guardadas, estudadas e expostas em lugares como os museus. Com isso, conseguimos perceber a passagem do tempo e as diferentes formas que nossa sociedade usou para resolver seus problemas, para se divertir e para viver.

Cultura

De maneira bem geral, cultura se refere ao conjunto de saberes e práticas compartilhadas por um grupo de pessoas e transmitido de geração em geração. Isso quer dizer que quando falamos em cultura, estamos falando de toda a forma de organização social em que vivemos, as coisas que aprendemos e ensinamos uns aos outros, as informações que sabemos, usamos para as nossas vidas e, em algum momento, compartilhamos com outras pessoas.

Mas cultura é uma coisa só, como se fosse congelada? Não! A cultura é atualizada todos os dias sem que a gente perceba. Às vezes temos um modo de conhecimento que funciona por muito tempo, mas que passa por algum tipo de atualização ou de revisão e, depois disso, decidimos não mais utilizá-lo. Essas mudanças podem ser bem lentas e, por isso mesmo, difíceis de serem percebidas. Antes de existirem os relógios, por exemplo, as sociedades normalmente marcavam o tempo pela posição do Sol e pelas estações do ano. Depois que inventamos formas de medir a passagem do tempo, passamos a usar os dias, as horas, os minutos e os segundos. Nos dois casos, estamos falando de práticas e conhecimentos que são culturais, que são aprendidos e ensinados.

Os diferentes contextos e as dinâmicas de variadas pessoas em suas realidades produzem culturas exatamente relativas aos contextos. Em um exemplo, podemos pensar no povo indígena pirahã que, em sua língua (também chamada de pirahã), não tem palavras para identificar o passado ou o futuro. Isso significa que o povo indígena pirahã tem uma relação com o tempo, por exemplo, diferente da nossa.

Também é importante pensarmos no que chamamos de diversidade cultural. Isso significa que não existe um único modelo de cultura no mundo e que não existe um tipo certo de cultura. Diferentes grupos de pessoas podem ter diferentes culturas. Isso acontece em várias situações. Podemos pensar em famílias que participam de práticas religiosas diferentes: uma família de religião católica terá um tipo de práticas e saberes compartilhados, já uma família umbandista terá outro conjunto de práticas e saberes e, por fim, uma família que não possui vínculo religioso nenhum terá ainda outro tipo de práticas. Nenhuma dessas religiões é superior às demais citadas ou seria mais correta. As três são possíveis e podem conviver em harmonia em uma só sociedade.

Outro exemplo para pensarmos a diversidade cultural é a música. Apesar de que hoje em dia, com a conexão via internet, é mais fácil conhecermos variadas formas

musicais do mundo todo, ainda existem práticas e conhecimentos culturais sobre música que estão vinculados a alguns territórios. Por exemplo, o samba é um estilo musical muito marcado na região do Rio de Janeiro, apesar de ter surgido historicamente no estado da Bahia. Já a música sertaneja tem maior vínculo com as regiões dos sertões do Brasil, das áreas rurais e do interior do país. Por sua vez, o RAP tem grande vínculo com as regiões periféricas da cidade de São Paulo.

Isso não quer dizer que outras regiões do Brasil não ouçam ou não produzam esses estilos musicais. Mas, mesmo assim, há um pertencimento cultural dessas práticas e desses saberes musicais com algumas regiões. Novamente: isso não quer dizer que um estilo seja melhor que o outro, mas sim que eles são diferentes, formas de música que podem viver respeitosamente em um mesmo país como o Brasil.

Patrimônio

Patrimônios são os itens culturais que escolhemos socialmente preservar, guardar, estudar e transmitir de geração em geração. Nesse sentido, patrimônio é uma forma de herança que as gerações anteriores criam ou recebem dos seus antecessores e passam para as gerações futuras. Os patrimônios são referências comuns para as diferentes pessoas de uma mesma sociedade.

Os itens patrimoniais são divididos em dois grandes grupos – os patrimônios materiais e os patrimônios imateriais – e podem ser de diferentes tipos: históricos, artísticos, naturais ou ambientais, arqueológicos, formas de fazer, conhecimentos, festividades, etc. Quando algo é escolhido para fazer parte do patrimônio cultural de uma sociedade (que pode ser um município, um estado ou um país), é preservado e estudado para que todas as pessoas possam conhecer sobre este item, que se torna uma espécie de âncora coletiva sobre temas como o passado, as artes, as comemorações, etc.

Mas como são escolhidas as coisas que farão parte do patrimônio de um povo? A participação social é muito importante nesse momento porque qualquer pessoa pode propor que algo se torne patrimônio cultural de todos. Em São José dos Pinhais, por exemplo, temos o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (COMPAC) e é este órgão que decide o que será patrimônio para todas as pessoas que nasceram e/ou moram no municí-

pio. Fazem parte desse Conselho alguns gestores públicos, alguns técnicos especialistas na área do patrimônio e ainda uma parte da população em geral, que também pode discutir o assunto e propor ideias. O patrimônio é uma referência para todas as pessoas de uma sociedade, por isso mesmo qualquer pessoa pode e deve participar das conversas sobre ele.

Normalmente as coisas são tombadas (no caso dos patrimônios materiais) ou registradas (no caso dos patrimônios imateriais) quando nossa sociedade tem a intenção de evitar que elas sejam esquecidas ou destruídas. Portanto, tombar uma casa ou outra construção como patrimônio de uma sociedade tem também a intenção de evitar que ela seja demolida ao mesmo tempo em que se torna uma referência coletiva.

Os patrimônios de uma sociedade são protegidos por leis e por ações técnicas, chamadas de preservação. Esses dois movimentos devem garantir que os patrimônios sejam protegidos e que tenham grande durabilidade, para que diferentes gerações possam ter contato e aprender com eles.

Também, os patrimônios são reavaliados todos os dias, sem que nos demos conta, porque a cada momento colocamos em discussão a validade desses itens como referências coletivas. O que isso quer dizer? Quer dizer que um patrimônio protegido há 50 anos, por exemplo, pode ser reavaliado e nossa sociedade pode decidir que ele não é mais algo interessante ou bom de ser preservado. A cada momento, com base nos saberes culturais de cada tempo, os patrimônios são mantidos, criados ou esquecidos e abandonados.

Meio Ambiente

Normalmente, quando pensamos em meio ambiente, pensamos em coisas ligadas à natureza. Florestas, árvores, rios, cachoeiras, entre outros. E isso não está errado. Ao longo dos tempos, a ideia de meio ambiente serviu – e ainda serve – para apontar o assunto que liga nossas atividades humanas com os temas da natureza, como recursos naturais, fontes de água potável, formas de conseguirmos passar por lugares difíceis, como montanhas e desertos, etc.

Inicialmente, a ideia de natureza servia ainda para dividir o que estava próximo da vida e da atividade humanas e o que não estava, ou o que seria distante, “selvagem”.

Ou seja, havia uma diferenciação entre o mundo “da cultura”, que seria o mundo das sociedades e suas práticas e saberes compartilhados, e o mundo “natural”, da natureza, separado do mundo das pessoas. Pouco a pouco o entendimento sobre isso foi mudando. Atualmente, percebemos que mesmo as ideias e as formas de pensarmos sobre o mundo “da natureza”, do meio ambiente, já é uma interferência da nossa cultura. Portanto, pensar na nossa relação com a camada da natureza no planeta Terra já nos coloca em uma forma de relação que depende da nossa cultura também.

Além do tema sobre como percebemos a natureza, há outro fator importante na nossa relação com ela: a participação dos meios naturais em nossos acontecimentos históricos e culturais. Na história de São José dos Pinhais, por exemplo, muitas coisas do meio ambiente foram em ainda são importantes para a nossa história e para a nossa cultura, como, por exemplo, a Serra do Mar e o Rio Iguaçu.

Foi a partir do litoral do Paraná, desde a beira do mar, que saíram os colonizadores que ocuparam o território que hoje chamamos de São José dos Pinhais e que já era habitado por povos indígenas. Para chegar do litoral paranaense até São José dos Pinhais, estes colonizadores precisavam vencer a travessia da Serra do Mar, que é uma cadeia de enormes montanhas que, naquela época, não tinha estradas asfaltadas e os caminhos eram formados por trilhas no meio da Mata Atlântica.

Já o Rio Iguaçu é outro recurso do meio ambiente importante para São José dos Pinhais, porque há muito tempo é o que limita a fronteira do nosso município com Curitiba. Antigamente, a importância e a dificuldade de cruzar o Rio Iguaçu era tão grande que ele era chamado de Rio Grande e não era possível atravessá-lo em qualquer ponto, mas apenas naqueles em que a água era mais baixa.

Com isso, sabemos que o meio ambiente não é apenas uma fonte de recursos ou de matérias-primas, mas é um importante lugar de relações sociais do qual as sociedades humanas dependem muito. Ainda, o meio ambiente tem sido cada vez mais entendido como um elemento importante para o equilíbrio das formas de vida, seja dos animais ou dos seres humanos, e, por isso, tem sido incluído em debates sobre preservação. Por conta disso, em São José dos Pinhais, a Serra do Mar é um patrimônio tombado pelo Estado do Paraná e que todos e todas devem preservar.

Arquitetura

A arquitetura é um campo profissional, ou seja, existem pessoas dedicadas a estudar e trabalhar com esse tema. Na arquitetura a atuação está em formas de modelagem do mundo físico, especialmente quando falamos de habitações. Nesse sentido, é comum que a ideia de arquitetura esteja vinculada ao projeto e à construção de edificações em geral.

Mas o produto da arquitetura (que são as construções) não são itens deslocados no ambiente. Mas o que isso significa? Isso significa dizer que uma casa projetada e construída não está “sozinha” no mundo, mas participa de espaços com outras casas ou com prédios comerciais, criando uma paisagem e um conjunto.

A arquitetura foi uma das primeiras coisas na história humana a ser selecionada como patrimônio. Prédios como castelos, palácios e templos de religião católica, há mais de duzentos anos, foram percebidos como importantes para a cultura e para a história de uma sociedade. Como exemplo, podemos pensar na Catedral de Notre Dame ou no Palácio do Louvre, duas construções localizadas na França que se tornaram patrimônio do povo francês.

Em São José dos Pinhais, algumas obras da arquitetura também se tornaram patrimônio cultural do município. Como primeiro exemplo, podemos pensar no Palacete Ordine, uma construção dos anos 1910, situada na Rua XV de Novembro, que foi residência de uma família de sobrenome Ordine, mas que depois abrigou a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e o Fórum, se tornando sede do Museu Municipal Atílio Rocca em 1981. O Palacete tem uma arquitetura eclética, o que significa que a construção mistura diferentes características de formas de práticas e conhecimento arquitetônico.

Ainda, podemos pensar no Reservatório de Água de São José dos Pinhais, também no centro da cidade, na Praça Getúlio Vargas. Popularmente conhecida como Caixa D’Água, a construção é do ano de 1966 e servia realmente como um reservatório de água, mas hoje está desativado. Mesmo desativado, a obra de arquitetura modernista se tornou um importante símbolo visual de São José dos Pinhais, servindo de referente coletivo.

Nos dois casos citados acima, podemos perceber um dos motivos para que uma obra de arquitetura se torne patrimônio: as características de sua construção. Quando pensamos nas características, podemos nos referir às formas e saberes de um grupo de

pessoas específicas, quase como uma cultura profissional. Ou seja, falar em arquitetura eclética ou em arquitetura modernista significa que há uma referência sobre esses tipos de construção.

Quando uma obra de arquitetura é tombada como patrimônio, ela se torna um referente importante sobre as formas de construção de um povo e essa é a camada material, física do patrimônio. Mas também há uma camada imaterial, simbólica, que é o que dá sentido à arquitetura. Por exemplo, existem muitas residências, de diferentes tipos em São José dos Pinhais, mas nem todas são escolhidas como patrimônios. E por quê? Porque algumas têm justificativas que a tornam “mais importantes”, como ter sido sede da Prefeitura ou a residência de alguém entendido como uma pessoa com contribuições importantes para uma sociedade.

Centro Histórico

Por uma série de escolhas dos grupos humanos, as cidades foram escolhidas como modelo de organização das pessoas em um espaço físico. Há milhares de anos os seres humanos deixaram de ser povos nômades, que viajavam muito em busca de comida, segurança e água e passaram a ser mais sedentários, se fixando por um tempo maior em um local. Esse processo de fim do nomadismo está vinculado ao desenvolvimento de tecnologias que ajudaram a controlar melhor a produção de comida e a garantir maior segurança às pessoas contra predadores e mudanças climáticas.

Pouco a pouco a cidade se tornou um modelo de vida. Ruas, esquinas, calçadas, construções passaram a ser o “rosto” de pequenos povoados até que hoje podemos ter cidades com milhões de habitantes. Acontece que não é só das construções da arquitetura e da ocupação do espaço que vive uma cidade. Uma cidade também é resultado dos processos históricos que acontecem nela.

Ao mesmo tempo, as cidades criam seus próprios centros. O espaço central, normalmente, é aquele onde estão localizados grande parte do comércio, os prédios da administração pública e onde a ocupação do território teria sido iniciada ou – pelo menos – o espaço no qual a cidade que conhecemos hoje começou a se desenvolver.

São essas duas ideias que formam o centro histórico: em primeiro lugar, a exis-

tência de um espaço no qual a cidade passou a se desenvolver originalmente (o centro); e, em segundo lugar, as camadas e os acontecimentos da história da região registrados e acontecidos nesse espaço central.

Pode acontecer, também, que algumas cidades, principalmente as maiores, tenham diferentes centros ou espaços, que em diferentes momentos foram o centro dessa cidade. Municípios como São Paulo/SP, Curitiba e Fazenda Rio Grande, no Paraná, são exemplos dessa mudança: tiveram centros em diferentes espaços em tempos distintos. Esse não é o caso de São José dos Pinhais. Em São José dos Pinhais, o espaço caracterizado como centro histórico (principalmente a Praça Oito de Janeiro, a Rua XV de Novembro e seus entornos) ainda é o mesmo espaço que foi ocupado há mais de 150 anos, dando origem à cidade que conhecemos. Portanto, o centro histórico de São José dos Pinhais está localizado no espaço em que historicamente a cidade passou a ser desenvolvida e construída.

Mas o centro de São José dos Pinhais de hoje é o mesmo que nos anos 1850? Não, muita coisa mudou! É uma das características do centro histórico é justamente preservar alguns registros dessas mudanças, como, por exemplo, preservar prédios antigos, praças ou até mesmo o desenho das ruas. Isso é uma forma de registro sobre como uma cidade era no passado, como ela passa por mudanças, mas ainda assim continua sendo o mesmo lugar.

Arqueologia

A Arqueologia é uma ciência que estuda o passado humano a partir dos vestígios que esses grupos deixaram. A palavra Arqueologia vem da língua grega, ela foi formada pela união de duas palavras: “archaios” que quer dizer antigo, e, “logos” que quer dizer estudo.

Ao unir as duas palavras gregas formamos o termo “estudo do que é antigo”, que não deve ser levada ao pé da letra, pois, a Arqueologia não estuda tudo o que é antigo, como os fósseis de dinossauros - a ciência que faz isso é a paleontologia. Ela estuda aquilo que está relacionado à atividade humana, especialmente a cultura material que eles produziram.

Entendendo a importância do trabalho do arqueólogo para compreender o passado, vamos descobrir como é o trabalho deste profissional? Uma pesquisa arqueológica envolve pesquisa de campo, onde são escavados sítios arqueológicos, ou seja, o solo é escavado e são evidenciadas estruturas e artefatos que estão ali enterrados. Tudo que foi encontrado, deve ser registrado em fichas ou diários de campo, fotografias e croquis.

Depois do registro, os vestígios são cuidadosamente retirados do solo e levados para um laboratório, onde serão higienizados, catalogados para evitar que sejam perdidos, analisados, examinados, e, em alguns casos, datados. Quanto mais informações puderem ser levantadas sobre o vestígio, mais informações teremos sobre o passado daqueles sujeitos.

Para fazer uma pesquisa arqueológica é necessário fazer um projeto, definindo: o quê, como, com que técnica, quem e quais aspectos serão investigados. A pesquisa só irá acontecer se o Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) autorizar. Portanto, escavar ou coletar material arqueológico por aí é ilegal, e, todos nós somos responsáveis por informar ao IPHAN sobre qualquer irregularidade.

Na arqueologia brasileira, os estudos dos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos são classificados de duas formas - tendo como marco temporal a chegada dos europeus ao Brasil. Por isso, temos o período pré-colonial (antes da chegada) e o período histórico (após chegada). O período histórico, é composto por dois momentos, o período colonial (quando o Brasil era colônia de Portugal) e o pós-colonial, a partir da proclamação da independência até os dias atuais.

Na cidade de São José dos Pinhais, conforme informações do IPHAN, já foram escavados 23 sítios arqueológicos, neles foram encontrados muitos vestígios dos sujeitos que viveram no passado neste território.

E que tipo de vestígio foram encontrados? Artefatos feitos com rochas, como pontas de flechas e maceradores, partes de cerâmicas do período pré-colonial, além de louça, vidro e metal do período colonial. Podemos exemplificar a importância das pesquisas arqueológicas, para contar a história dos povos indígenas que viviam nesta região antes da chegada dos colonizadores europeus.

As pesquisas que os arqueólogos desenvolvem em nossa cidade e em outros espaços são fundamentais para escrever e reescrever o passado. Os historiadores recorrem a estas fontes históricas constantemente, principalmente, para tratar de questões que aconteceram em um passado muito distante, como o período pré-colonial, pois os vestígios arqueológicos são praticamente os únicos que sobraram. E o que são fontes históricas será justamente o nosso próximo tema.

Fontes Históricas

As fontes históricas podem ser entendidas como vestígios do passado, deixados pelos grupos humanos, que são utilizados pelos pesquisadores, como os historiadores e arqueólogos, para a construção do conhecimento histórico.

Antigamente, só eram consideradas fontes históricas os documentos escritos. Nessa época, os documentos escritos eram vistos como algo que representava a “verdade histórica” sobre o que aconteceu no passado.

No entanto, com o passar do tempo, os pesquisadores perceberam que a ideia de fonte histórica poderia ser ampliada, incluindo outras tipologias, além do documento escrito, como: imagens, vídeos, depoimentos, mapas, objetos, construções e etc.. Além disso, os pesquisadores passaram a defender que o passado não pode ser recuperado tal como aconteceu, e sim, investigado e a fonte seria o ponto de partida para nos aproximarmos do passado que desejamos conhecer melhor.

Em sala de aula também se utilizam fontes históricas de diferentes tipos para a tessitura do conhecimento escolar. No entanto, ao utilizá-las devemos ficar atentos a algumas questões, como, refletir sobre o lugar e quem a produziu. Pois, cada ação humana está ligada a quem a produziu, quando, onde, como e porque isso ocorreu.

Podemos usar como exemplo deste procedimento, ao observar fotografias para investigar como eram os brinquedos antigos, precisamos considerar questões como: quando esta fotografia foi tirada? Quem aparece na foto? Com que intenção a foto foi tirada? Será que era um estúdio? Será que todas as crianças possuíam brinquedos como os que aparecem na foto? É possível, articular as hipóteses levantadas a partir da observação da fotografia, com outras fontes? Como uma fonte material - o brinquedo que apareceu na foto - um depoimento oral, onde alguém mais velho contando sobre sua familiaridade com aquele brinquedo.

Em algumas situações, ao trabalhar com as fontes históricas agimos como detetives, investigando todos os seus detalhes, procurando pistas do passado. E onde encontramos as fontes históricas da cidade de São José dos Pinhais? Elas estão em vários lugares, como no Museu Municipal Atílio Rocco, na Casa da Memória Polonesa, nas residências dos moradores mais antigos, em construções, na memória das pessoas... Vamos conhecer melhor algumas possibilidades de tipologias de fontes históricas que podem ser utilizadas para investigar o passado de São José dos Pinhais:

- Documentos materiais – Roupas pessoais, utensílios, mobiliário, instrumentos de trabalho e outros objetos tridimensionais, de antigos moradores da cidade. Os vestígios arqueológicos também são fontes materiais.
- Documentos escritos – Atas, certidões, cadernos, listas, notas fiscais, jornais, poemas e muitos outros documentos de pessoas que viveram na cidade de São José dos Pinhais ou de alguma forma são importantes na trajetória da cidade fazem parte desta tipologia.
- Documentos visuais – Composto de fotografias antigas da cidade e de seus moradores, além de vídeos, mapas, pinturas e muitos outros materiais.
- Documentos orais/sonoros – Composto por entrevistas, lendas contadas e registradas através de relato de viva-voz, poemas declamados, música, jingles, programas de rádio, depoimentos orais, entre outros.

Ao utilizar fontes de tipologias variadas na investigação histórica, podemos conhecer sobre o passado de uma diversidade maior de sujeitos que fizeram parte da trajetória da cidade.

História

A História é uma ciência que estuda os homens no tempo. A palavra História vem do termo grego “historie” cujo significado seria “conhecimento através da investigação”. Para conhecer aspectos do passado precisamos também analisar o contexto dos fatos, eventos ou pessoas que pretendemos investigar.

Além disso, um estudo histórico, sempre tem como ponto de partida problemas, dúvidas ou mesmo curiosidades formuladas no tempo presente. Ao investigar o passado, coletamos um conjunto de informações sobre processos e fatos ocorridos, que irão contribuir para a compreensão do presente, e até, nos auxiliar a enfrentar os desafios futuros.

O historiador, é o profissional que produz as narrativas históricas. Ele, que vive no presente, olha para o passado utilizando as fontes históricas, colher vestígios importantes para a sua análise, depois, interpreta essas informações com os conhecimentos e os valores que possui, sistematiza suas conclusões, geralmente em um texto. Por isso, costu-

mamos dizer que a História é a ciência que estuda o passado e o presente, bem como a relação de um com o outro.

O historiador não consegue saber com exatidão o que aconteceu no passado, por isso ele precisa levantar o maior número possível de fontes históricas que o ajude a compreender os fatos. Mesmo assim, ele só vai conhecer partes deste passado, aquilo que tem algum vestígio, que ele pode interpretar e atribuir sentido.

Por isso, que um mesmo acontecimento, pode ser estudado por pesquisadores diferentes, resultando em conclusões diferentes. Vamos ver um exemplo: os pesquisadores norte-americanos defendem que os primeiros humanos chegaram na América por volta de 12 mil anos A.P.; já os pesquisadores sul-americanos afirmam evidências suficientes de que a América foi habitada muito antes disso. Isso não quer dizer que os historiadores podem dizer qualquer coisa sobre aquilo que estudam e escrevem. Eles não podem inventar os fatos, não podem fugir das evidências encontradas nas fontes históricas.

Ao mesmo tempo, existe um sentido sobre história que é mais difundido no senso comum, que é a ideia do desenrolar das ações humanas ao longo do tempo. Nesse caso, a ideia de história está mais atrelada à uma ideia genérica de passado, por isso mesmo todas as pessoas possuem algum tipo de relação com o tema histórico, mesmo que não seja pela perspectiva científica. Esse segundo modo de leitura não é sinônimo do primeiro, porque uma coisa é um campo profissional realizado por profissionais que se dedicam a pesquisar e explicar fenômenos do passado; outra coisa é a experiência das pessoas ao longo do tempo, que constitui, sim, um movimento histórico, mas diferentes entre si.

Os Patrimônios Culturais de São José dos Pinhais

1 Mausoléu Killian

Também chamada de Capela Killian, a construção de arquitetura mortuária do ano de 1918 foi construída no Cemitério Municipal de São José dos Pinhais para servir de jazigo à família Killian, sobretudo a Francisco de Paula Killian, que foi prefeito do município. De arquitetura eclética, a construção tem adornos e balaustrada no entorno. Foi tombada no ano de 1977.

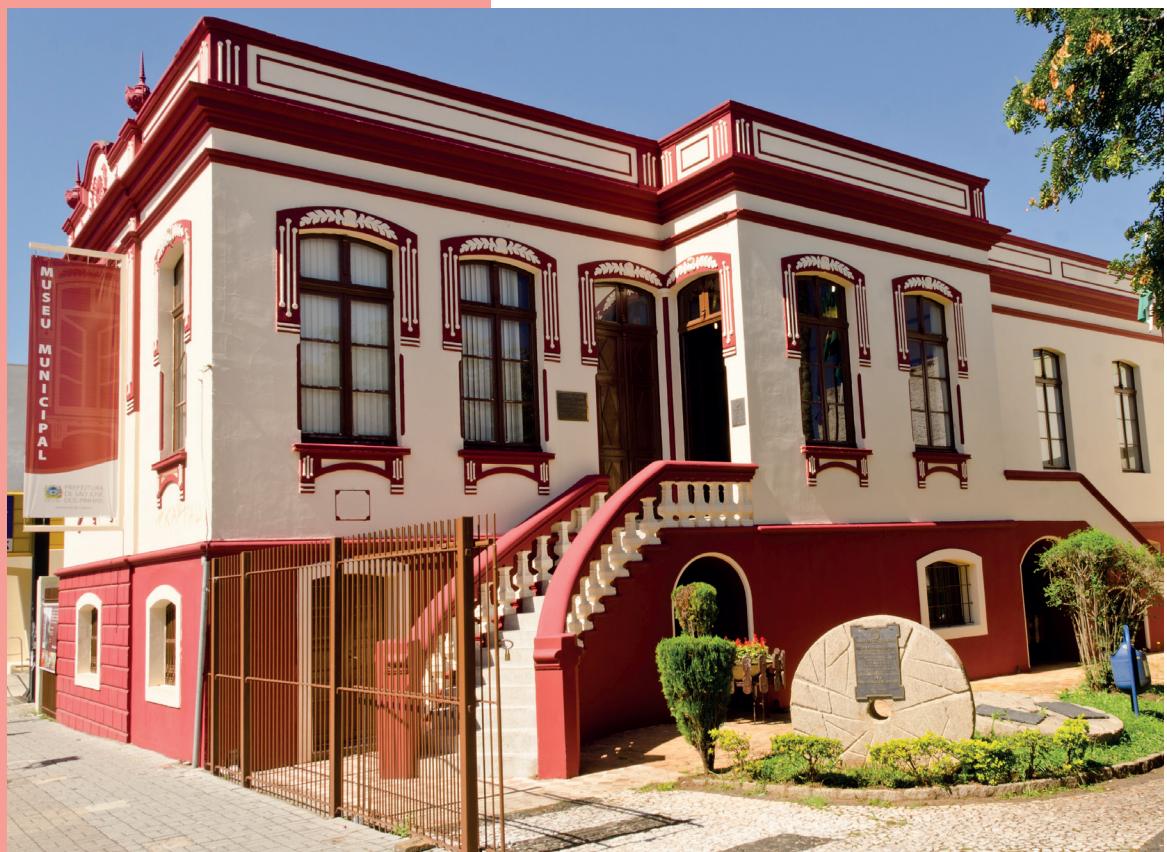
Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



2º Palacete Ordine

Construído na década de 1910, o Palacete Ordine foi construído por Manoel Ordine para servir de residência para sua família. Na década de 1920, foi comprado pela municipalidade e passou a abrigar o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o Poder Judiciário conjuntamente, até 1981, quando passou a ser sede do Museu Municipal Atílio Rocco. O prédio localiza-se na Rua XV de Novembro, no centro da cidade, e foi tombado em 1980.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



3. Prédio do Grupo Escolar Silveira da Motta

O prédio concluído em março de 1912 serviu de sede para o antigo Grupo Escolar Silveira da Motta, para a Biblioteca Pública Municipal Scharffenberg de Quadros, para o Fórum Municipal, para a Câmara Municipal de Vereadores e, atualmente, abriga novamente a Biblioteca Scharffenberg de Quadros. A construção em piso único tem linhas clássicas com relevos e frisos para adornar. Está localizado no Largo Vereador Segismundo Salata, junto à Rua XV de Novembro, e foi tombado em 1980.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



4. Capela Senhor Bom Jesus

O templo foi construído para o culto do Senhor Bom Jesus por imigrantes italianos, da família Marenda. A Capela não possui elementos decorativos externos, é coberta por telhas em estilo francês e apresenta pinturas internas nas paredes e sobre o altar. O piso principal é em cerâmica, a porta frontal é ladeada por duas janelas e sua construção é do início do século XX. Está localizada na Rua Barão do Cerro Azul, esquina com a Rua Etore Marenda, no bairro Bom Jesus, e foi tombada no ano de 1982.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



5 Capela Santo Antônio

A construção religiosa foi feita por imigrantes italianos em alvenaria, é coberta por telhas em estilo francês, possui janelas laterais e torre frontal. Possui o relevo de uma cruz e janelas nas extremidades da torre. Na parte interna, tem pintura nas paredes e sobre o altar. O templo é circundado por muro. Está localizada no bairro Colônia Rio Grande.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



6. Capela Nossa Senhora das Graças

A capela foi erguida pela família de José Moro Filho, em 1947. A construção se apresenta em formato de cone, em alvenaria, com detalhes de pedras cravadas na parte externa. Internamente é totalmente pintada. Não há torre ou sino, apenas uma cruz no alto da cobertura. Localiza-se no bairro Contenda, na região conhecida como Alto da Boa Vista, e foi tombada em 1995.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



7. Casa Guernieri

Construída em madeira, na década de 1920, para servir de residência, a construção possuía cômodos no primeiro piso e um sótão habitável. Foi construída sobre uma fundação de tijolos e apresentada paredes duplas em tábuas. Na parte interna, as paredes foram pintadas com a técnica de máscaras, o forro possuía trabalhados em madeira e havia lambrequins em suas laterais e na cumeira da casa. Localizava-se na Rua Isabel, A Redentora, no centro de São José dos Pinhais, foi tombada em 1998 e tomada por um incêndio que a destruiu em 2015.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



8. Capela Nossa Senhora dos Milagres

A capela instalada no fim do século XIX teve seu prédio construído em 1927, em alvenaria, com torre frontal e casa de sinos à parte. A capela serviu aos primeiros habitantes da região chamada Cachoeira, entre as colônias Zacarias e Marcelino. É cercada por um muro baixo, possui pinturas no altar e paredes internas e teto. Foi tombada como patrimônio no ano de 2000.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



9. Catedral de São José dos Pinhais

O atual prédio da Catedral de São José é a quarta versão do templo que abriga essa instituição da Igreja Católica. A construção em alvenaria foi realizada pela comunidade local entre 1905 e 1920. Possui uma nave central, torre com sinos, capela-mor, sacristia e tem as janelas decoradas em vitrais. Internamente é toda com pinturas decorativas nas paredes e no teto. Está construída sobre uma elevação, está localizada na Praça Oito de Janeiro, junto à Rua XV de Novembro e foi tombada como patrimônio em 2002.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



10. Prédio do Colégio Estadual Silveira da Motta

O prédio foi construído e entregue em 1945 para abrigar o Colégio Estadual Silveira da Motta. A construção possui fachada larga, um corredor na parte de dentro que alcança até as laterais do prédio, piso superior, escadaria e pátio interno. As janelas têm formato de arco e são protegidas com grades. A porta de entrada tem vidros martelados. Está localizado na Praça Getúlio Vargas, no centro de São José dos Pinhais, e foi tombado em 2004.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



11.

Livros de Registros

O conjunto de livros tombados apresenta registros de batismos, casamentos, óbitos, crismas e um livro caixa, todos eles produzidos pela Igreja Católica entre o século XVIII e a primeira metade do século XX. A propriedade dos livros é da Paróquia de São José, que possui sua administração no centro de São José dos Pinhais, onde ficam os livros. O conjunto foi tombado em 2008.

Fonte: Os autores

Livro de Battano I

25/12/1775 a 15/09/1802

Este é o verso do meu número de
matrículado. Com o meu sobrenome D.
E. P. G. e o nome de Batista n'ha nova brief. de
Pernambuco. P. C. d. 22 de Julho de 1759.

Caro. Battano D. G. Belredo

12.

Complexo Arquitetônico da Indústria e Comércio Senegaglia

O complexo foi construído para abrigar a Indústria e Comércio Senegaglia, empreendimento do imigrante italiano João Senegaglia para a fabricação de materiais com as chamadas folhas de flandres, como banheiras, latas, placas, tampas de garrafas e outros itens. Atualmente abriga o Centro de Vivência Cultural João Senegaglia, com diversos equipamentos culturais e, inclusive, a sede da Secretaria Municipal de Cultura. Está localizado no centro de São José dos Pinhais, na Rua XV de Novembro, e foi tombado em 2008.

Fonte: Os autores



13 Capela Santo Antônio

A capela foi construída em alvenaria, em estilo eclético, com torre central, coberta com telhas de barro e apresenta pequeno coro sobre a porta frontal, na parte interna. Há uma porta em cada uma das laterais e o teto em formato de arco foi originalmente feito em estuque. Há pinturas decorativas nas paredes internas e sobre o altar. Localiza-se na região da Colônia Acioli e foi tombada em 2011.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



14. Memorial Casarão - Paço Municipal

O memorial reproduz a fachada do antigo Paço Municipal de São José dos Pinhais. Foi inaugurado em 2014 e construído em bloco de concreto e em estrutura de concreto armado. A visualidade recupera o casarão da família Masantaneiro, em estilo neoclássico italiano. Há pináculos decorativos, janelas em arco e foi ambientado com paisagismo, calçamento e iluminação. Localiza-se no espaço da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais, na Rua Passos de Oliveira, no Centro da cidade, e foi tombado em 2014.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



15. Reservatório de Água de São José dos Pinhais

Construída sobre três colunas que formam um triângulo, a comumente chamada Caixa D'Água possui um reservatório em projeção triangular com lados côncavos. Com capacidade para 100m³ de água, o Reservatório foi projetado pelo arquiteto Leo Linzmeyer em estilo modernista e foi o marco do III Congresso de Engenharia Sanitária, realizado em 1966, em Curitiba. Está localizado na Praça Getúlio Vargas e foi tombado em 2018.

Fonte: Relação de Bens Tombados
- COMPAC (Portal dos Conselhos).



Atividade 1

Nosso Patrimônio

Considerações para o professor:

A atividade 1, pode ser utilizada pelo docente, a fim de fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes em relação à temática proposta, uma vez que ela já foi abordada em anos anteriores, porém, com outras escalas de análises. O encaminhamento é uma estratégia pedagógica para promover as reflexões, e em seguida a sistematização das conclusões dos estudantes, na forma de listas. O encaminhamento está vinculado ao objetivo de aprendizagem EF03HI04/SJP do Referencial Curricular de São José dos Pinhais (2020).

Sabendo que o patrimônio é resultado de uma escolha, é possível começar pensando sobre nossos patrimônios pessoais. Então, com base no que foi aprendido, pode-se refletir sobre quais coisas, momentos, objetos, lugares e conhecimentos com os quais as pessoas se relacionam no dia a dia e que gostariam que fossem preservados e transmitidos às outras pessoas.

Passo 1: Individualmente, cada estudante deve refletir e listar quais são os itens que lhe são importantes (mais ou menos 5 coisas);

Passo 2: Após ter a lista feita, deve descrever os motivos pelos quais essas coisas lhe são importantes;

Passo 3: Agora, depois de ter feito a lista das coisas importantes, os estudantes devem fazer uma lista de coisas que não são importantes e que, para eles, a preservação não é importante e, portanto, o esquecimento é possível (mais ou menos 3 coisas).

Atividade 2

Investigando os Patrimônio de São José dos Pinhais

Considerações para o professor:

Com a atividade 2, os estudantes terão a oportunidade de exercitar a prática investigativa, que é a metodologia de trabalho proposta pelo Referencial Curricular de São José dos Pinhais, para a tessitura do processo de ensino e aprendizagem histórica.

Esta atividade também está articulada ao objetivo de aprendizagem EF03HI04, que pretende que os estudantes conheçam e explorem os patrimônios históricos e culturais da cidade de São José dos Pinhais. O encaminhamento metodológico proposto pela atividade, privilegia uma experiência de contato direto dos docentes e estudantes com tais indícios e manifestações, em um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural, capacitando-os a melhor usufruírem destes bens.

Para ter contato com a realidade local, os estudantes podem estudar e se debruçar sobre os itens patrimoniais próprios de São José dos Pinhais. Com base nisso, o professor ou a professora pode apresentar à turma o Livro Tombo do Patrimônio Cultural do município, que registra os bens culturais tornados patrimônios são-joseenses. Após isso, será possível estudar e descrever cada um dos bens tombados no município.

Passo 1: Com o docente, os estudantes devem estudar o Livro Tombo, que registra os patrimônios culturais de São José dos Pinhais;

Passo 2: Individualmente, os estudantes devem escolher três patrimônios e escrever um pequeno parágrafo para descrever cada um deles, descrevendo todas as características que puderem sobre ele.

Atividade 3

Identificando os Tipos de Patrimônios

Considerações para o professor:

Com a atividade 3, o estudante poderá se aprofundar na conceituação e classificação dos patrimônios históricos. Assim, ele terá um maior repertório para consolidar a habilidade que se pretende desenvolver com o objetivo de aprendizagem EF03HI05/SJP, que trata das produções dos marcos de memória, e, propõe que os estudantes identifiquem e mapem marcos históricos e de memória de São José dos Pinhais.

Existem diferentes tipos de patrimônios e essas variedades existem para que possamos organizar melhor os tombamentos e registros de bens culturais. Por isso mesmo, o patrimônio arquitetônico refere-se aos imóveis (às construções); o patrimônio artístico refere-se às produções das diferentes artes realizadas pela humanidade; o patrimônio ambiental refere-se aos elementos da natureza; o patrimônio arqueológico refere-se aos itens escavados em sítios de arqueologia; entre outros. Também há tipos que foram criados para privilegiar determinados assuntos, como o patrimônio industrial, que refere-se às indústrias de diferentes tipos; o patrimônio ferroviário, que refere-se às locomotivas, estações e linhas férreas; o patrimônio alimentar, que refere-se às receitas culinárias, modos de fazer e transmissão dos saberes gastronômicos.

Passo 1: Sabendo das diferentes tipologias de patrimônios, os estudantes devem relacionar a primeira coluna com a segunda, realizando uma categorização dos bens culturais.

- | | |
|--|---|
| A. Um conjunto de pontas de flechas produzidas por povos indígenas | (). Patrimônio imaterial - festividade |
| B. O prédio de um templo religioso | (). Patrimônio alimentar |
| C. O saber fazer de uma receita culinária | (). Patrimônio ferroviário |
| D. Uma floresta | (). Patrimônio arquitetônico |
| E. Uma estrada de ferro desativada | (). Patrimônio arqueológico |
| F. Uma festa popular | (). Patrimônio ambiental |

Atividade 4

Memória e Participação

Considerações para o professor:

Com a atividade 4, os estudantes poderão desenvolver a habilidade proposta no objetivo de aprendizagem EF03HI06, que propôs que eles identifiquem alguns registros de memória da cidade, e mais que isso, pensem sobre a inclusão e exclusão de determinados sujeitos destes registros.

Assim, o estudante poderá utilizar a educação patrimonial como um instrumento de alfabetização cultural, que o possibilita ao fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreensão do universo sócio cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido, não preocupado apenas com o reconhecimento de valorização dessas manifestações, sim, problematizando e refletindo sobre seu processo de seleção.

A forja do patrimônio cultural de uma sociedade é o resultado de processos de negociação. Diferentes atores sociais entram em cena para proporem, debaterem, votarem e decidirem sobre o que e por que cada bem cultural será ou não selecionado para fazer parte dos bens patrimoniais de um contexto. Por isso mesmo, estimular a participação dos estudantes e a manifestação das opiniões é importante.

Passo 1: Com o professor ou a professora, os estudantes devem aprender acerca dos processos participativos e da criação de uma agenda comum a partir de debates públicos;

Passo 2: Em grupos de 4 ou 5 pessoas, os estudantes devem ter um tempo para conversar sobre quais coisas cada um acha importante, coisas que poderiam ou deveriam ser patrimônio de todas as pessoas;

Passo 3: Os estudantes devem ser estimulados a buscarem pontos de referência em comum entre si, não excluindo as discordâncias e contradições de um debate, mas focando nos pontos de articulação que possivelmente tenham em comum;

Passo 4: Após a conversa, cada grupo deve elaborar uma lista de itens que, nas suas perspectivas, deveriam ser patrimônios da coletividade.

Atividade 5

O Patrimônio das Famílias

Considerações para o professor:

Com a atividade 5, é possível fazer um fechamento do objeto de estudo, vinculado aos objetivos de aprendizagem EF03HI04, EF03HI05 e EF03HI06. Conforme o encaminhamento proposto na atividade, o estudante irá problematizar as práticas de valores simbólicos e salvaguarda, fazendo um estudo de caso de sua própria família. Este encaminhamento pode ser utilizado inclusive como atividade avaliativa formal do processo. Pois para executá-la será necessário recorrer às habilidades desenvolvidas ao longo dos demais encaminhamentos, como: investigação, identificação, conceituação, classificação, comparação e sistematização.

Uma base importante para a criação dos valores e das identidades das pessoas são os núcleos familiares, que podem ser tão diversos quanto às práticas culturais. É em casa que, de diferentes maneiras, desde os primeiros anos de vida, cada pessoa tem contato com saberes, costumes e objetos que podem ser valorados no seio familiar como importantes e sobre os quais acabam recaindo ações muitas vezes despercebidas de preservação e transmissão geracional. Por isso, incentivar a investigação do contexto familiar sobre os itens importantes para cada contexto é uma ferramenta muito útil para que estudantes de diferentes idades tomem conhecimento acerca das práticas de valores simbólicos e salvaguarda.

Passo 1: Com o professor ou a professora, os estudantes devem analisar o tema do patrimônio, suas práticas e manifestações sociais;

Passo 2: Com o instrumental do conhecimento apreendido, os estudantes devem realizar individualmente uma pesquisa em seus contextos familiares;

Passo 3: Durante a pesquisa no contexto familiar, os estudantes devem identificar itens importantes para aquele contexto sobre: 1 item importante sobre a relação da família com o passado (fotografia, documento, objeto, etc.); 1 história familiar passada de geração em geração; 1 receita culinária tradicional para a família;

Passo 4: Após elaborar uma lista com um pequeno descritivo de cada item, os estudantes podem apresentar os resultados das suas investigações em sala ou entregá-los ao docente.



São José dos Pinhais

PREFEITURA